

Automedicação Durante Pandemia a COVID-19 e sua Relação com as Redes Sociais

Self-Medication during the COVID-19 Pandemic and its Relationship with Social Networks

Leonardo Magela Lopes Matoso^{*a}; Aline Mariana de Moraes Saraiva^b

^aUniversidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos da Mídia. RN, Brasil.

^bFaculdade Nova Esperança. RN, Brasil.

*E-mail: leonardo.l.matoso@gmail.com

Resumo

As redes sociais durante a pandemia de COVID-19 serviram para educação e união de pessoas em isolamento e distanciamento social. Também, foi fruto de propagação de *fake news* e aumento da medicalização, tornando-se potencialmente nociva. Este estudo tem como objetivo geral analisar a influência das redes sociais acerca da automedicação durante pandemia de COVID-19, por meio de análise de trabalhos publicados nos últimos dois anos. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, qualitativo, do tipo revisão narrativa, na perspectiva de desvelar o estado da arte. Foi realizado levantamento bibliográfico na Biblioteca Virtual em Saúde, onde foram analisados 993 artigos e extraídos 15 que compuseram o corpus desta pesquisa. Os resultados demonstraram que a automedicação durante pandemia de COVID-19 deu-se não apenas pelos repasses informativos via Instagram e Whatsapp, mas também, pela comunicação direta, pessoal e pela televisão. Estudos relataram aumento da ansiedade e estresse relacionado às notícias veiculadas sobre o vírus. O uso equivocado de fármacos teve relação também com a propagação de *fake news* durante pandemia. No entanto, ainda não se tem como perceber o real impacto que essas falsas informações causaram na vida das pessoas. Por isso, sugere-se que mais estudos sejam realizados.

Palavras-chave: Automedicação. Rede Social. SARS-CoV-2. Coronavírus.

Abstract

Social networks during the COVID-19 pandemic served to educate and unite people in isolation and social distancing. It was also the result of the spread of fake news and increased medicalization, making it potentially harmful. This study has the general objective of analyzing the influence of social networks on self-medication during the COVID-19 pandemic, through the analysis of works published in the last two years. This is an exploratory, descriptive, qualitative study, of the narrative review type, with a view to unveiling the state of the art. A bibliographic survey was carried out in the Virtual Health Library, where 993 articles were analyzed and 15 were extracted from the corpus of this research. The results showed that self-medication during the COVID-19 pandemic occurred not only through information transfers via Instagram and Whatsapp, but also through direct, personal communication and television. Studies have reported increased anxiety and stress related to news about the virus. The misuse of drugs was also related to the spread of fake news during the pandemic. However, there is still no way to understand the real impact that this false information has caused in people's lives. Therefore, it is suggested that further studies be carried out.

Keywords: Self-medication. Social network. SARS-CoV-2. Coronavirus.

1 Introdução

O mundo foi acometido por um vírus denominado Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2 (SARS-CoV-2), que causou a doença COVID-19, tendo sido identificado pela primeira vez na China, no ano de 2019. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou epidemia em 30 de janeiro de 2020 e pandemia em 11 de março (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

A origem da COVID-19, ainda é desconhecida. Sabe-se que é da família viral causadora de infecções respiratórias que podem acometer animais (aves e mamíferos) e seres humanos. Até meados de 2019-2022, a ciência havia registrado apenas sete tipos de coronavírus capazes de causar patogenicidade em humanos, onde todos eles caracterizam-se como sazonais estando em geral associados a síndromes

gripais graves e moderadas (MATOSO; SILVA; SILVA, 2020; SILVA *et al.*, 2022).

Em uma pesquisa desenvolvida por Ferrari (2020), o autor apontou por meio de dados filogenéticos que os parasitas animais sejam os causadores da infecção. Uma vez no organismo, o vírus afeta o trato respiratório, os pulmões e outros sistemas básicos de sustentação da vida. Os indivíduos infectados pela COVID-19 podem apresentar sintomas como falta de ar, febre, fadiga, tosse seca, diarreia, congestão das vias aéreas superiores, produção de escarro, mialgia/artralgia com linfopenia e tempo prolongado de protrombina, isso a depender do tipo de variante viral. Hoje, tem-se identificado mais de seis variantes (MATOSO; SILVA; SILVA, 2020).

O Ministério da Saúde (MS), em abril de 2020, orientou a população ao uso obrigatório de máscaras, álcool 70%, medidas de contingenciamento e isolamento social, com

objetivo de impedir a propagação do novo vírus (FERRARI, 2020). No entanto, devido à uma série de fatores estruturantes, econômicos e politicamente enraizadas no Brasil, essas medidas não foram suficientes para barrar o contágio.

Segundo a OMS em setembro de 2021 o número de casos de indivíduos infectados pela COVID-19 no mundo foi de 219.784.735, com 4.525.401 óbitos confirmados. No Brasil o número de casos foi de 21.517.232 e 588.221 mortes. Até a construção deste artigo, estimou-se que 1,1 bilhão de pessoas, cerca de um quinto da população global, ainda estejam em isolamento e distanciamento social, onde conviviam diariamente com situações estressoras e medo de serem contaminados (BRASIL, 2021).

A pandemia de COVID-19 tem precipitado uma mudança transformadora na sociedade atual. Uma dessas mudanças decaiu sobre as redes sociais, onde se passou a ter um fluxo exorbitante de informações e compartilhamentos. “Infodemia”, esse foi o termo criado para explicar o compartilhamento excessivo de informações não homogeneamente acuradas, em resposta a uma situação aguda como a atual pandemia, e amplificado pelas redes e meios de divulgação social (OPAS, 2020; BRASIL, 2021).

Informações da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) (2020) apontaram que entre as consequências estão as dificuldades em triar fontes competentes, a amplificação de rumores e a desinformação, a manipulação de informações com diferentes interesses, o consumo em massa e o rápido compartilhamento de notícias falsas, tanto pela população quanto por profissionais de saúde.

Autores corroboraram com a observação da OPAS e alertaram para divulgação maciça de terapias e medicamentos relacionados as diferentes formas de tratamento da COVID-19 durante a vigência da pandemia. Tais prescrições não possuíam embasamento científico e tão pouco, segurança, eficácia ou efetividade (MALIK *et al.*, 2020; MATOSO; SILVA; SILVA, 2020). Como resultado, observou-se o estímulo coletivo ao uso irracional e irresponsável de medicamentos não baseadas em evidências ou a da automedicação.

No que tange a automedicação, a OPAS revelou que esta prática pode ser conceituada como sendo o sujeito que utiliza medicações (alopáticos ou naturais), para tratar algum problema de saúde diagnosticado previamente pela pessoa que faz uso, ou seja, sem parecer de um profissional da saúde capacitado. Geralmente, a automedicação vem acompanhada de pacientes poliqueixosos e com hábitos de usar múltiplas medicações (OPAS, 2020).

Essa automedicação é um fenômeno global, bem debatida na cultura médica-farmacêutica e não é uma prática restrita ao Brasil, pois afeta um número grande de países (QUISPECAÑARI *et al.*, 2021). A conduta errônea de utilizar fármacos terapêuticos sem crivo profissional não pode ser vista como um elemento do autocuidado (MALIK *et al.*,

2020), muito pelo contrário, pois o uso inadequado/abusivo de medicamentos (polimedicação) e o uso de substâncias *off-label*, pode ter como consequências efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de problemas de saúde em evolução, além da ampliação de custos para o paciente e para o sistema de saúde, seja público ou privado (BATISTA, 2021).

Durante pandemia de COVID-19, o consumo de medicamentos no Brasil despertou uma atenção singular. No cerne da medicalização, estava o que políticos e médicos denominavam de “tratamento precoce” ou “kit-COVID”. Esse kit passou a ser difundido nas redes sociais como única salvação para a doença, tanto clinicamente como profilaticamente. E na ideia do tratamento precoce estava a combinação de substâncias sem evidências científicas conclusivas que incluíam hidroxicloroquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D (MERGULHÃO; CASTRO, 2021; MAPELLI JUNIOR, 2020).

O Jornal O Globo e autores como Mergulhão e Castro (2021) recriminaram o uso dessas substâncias e teceram a seguinte reflexão. A prescrição e o uso desses medicamentos *off-label* para tratar ou prevenir a COVID-19 recebeu contornos de grande credibilidade, quando o “tratamento precoce” e o “kit-COVID” foram divulgados e o seu uso incentivado amplamente nas mídias sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram) por profissionais médicos, autoridades públicas e nas páginas oficiais de Internet de Secretarias de Saúde, Ministério da Saúde e Governo Federal.

Nesse contexto, é nítido entender o processo cultural e midiático da automedicação. Só que não se pode vê-la como um problema controvertido somente aos consumidores desses medicamentos. Existem uma gama de condicionantes e agravantes além de vastos atores envolvidos no uso da automedicação. De todo modo, no Brasil, o resultado foi uma enchente de informações, medo e incertezas, contribuindo com uma corrida sem precedentes para as farmácias, em busca de fármacos que se quer tinham estudos ou valimentos profiláticos (SCARAMUZZO, 2021). Fato é, que Reis (2021) denotou em pesquisa que as vendas aumentaram de forma circunstancial, como exemplo, a ivermectina que apresentou um crescimento nas vendas, passando de R\$ 44 milhões em 2019 para R\$ 409 milhões em 2020, com alta de 829%. O mesmo autor, também constatou que a hidroxicloroquina e a cloroquina também tiveram suas receitas aumentadas de R\$ 55 milhões em 2019 para R\$ 91,6 milhões em 2020. A azitromicina também teve suas vendas aquecidas. Segundo a base de dados do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC), esse fármaco apresentou um aumento de 30,8% nas vendas no período da pandemia, passando de pouco mais de 12 milhões de caixas vendidas em 2019 para mais de 16 milhões de caixas vendidas em 2020.

Já no levantamento do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (SINDUSFARMA), esses medicamentos utilizados na pandemia representaram uma movimentação dos caixas das empresas farmacêuticas nacionais próxima a R\$ 500 milhões em 2020.

Considerando a relevância do tema e impacto importante na saúde humana, é necessário definir em nosso meio as características epidemiológicas das pessoas que se automedicam durante a pandemia e principalmente, as implicações que as redes sociais possuem nesse processo. Nesse aspecto, para condução deste estudo, foi realizado a seguinte indagação: qual relação entre a automedicação e COVID-19? As redes sociais influenciaram no aumento da automedicação?

Também foi observado quais grupos de fármacos foram mais utilizados nesta prática, para que fosse possível discernir quais efeitos podiam ser mais esperados na população e intervir diante disso. Com este levantamento, será possível delinear estratégias de orientação e educação em saúde a fim de reduzir os índices de automedicação.

Denota-se que o estudo científico é um procedimento reflexivo sistêmico, controlado e crítico que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento com base em métodos e técnicas (MENDES *et al.*, 2008). Diante disso, esse estudo foi desenvolvido com base no método descritivo que tem por finalidade obter informações do que já existe a fim de poder descrever e interpretar a realidade de um dado fenômeno (VERGARA, 2016). A pesquisa que teve como objetivo geral analisar a influência das redes sociais acerca da automedicação durante a pandemia de COVID-19, também, foi exploratória, pois consistiu na realização de um estudo para a familiarização do pesquisador com o objeto que está sendo investigado durante a pesquisa, primou-se aqui pela verificação exploratória acerca da relação entre a automedicação e a COVID-19.

2 Desenvolvimento

Para o desenvolvimento da pesquisa foi adotada a abordagem técnica e qualitativa, através de um levantamento literário em bases de dados validadas cientificamente que abordavam a temática da COVID-19 e automedicação durante pandemia, bem como a compreensão e explicação das relações sociais e sua dinâmica diante dessa automedicalização.

A revisão narrativa foi realizada no período de agosto de 2021 a abril de 2022. A base de dados utilizada foi a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) que acopla uma série de periódicos, revistas e indexadores científicos, como *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MedLine), dentre outros. Além dos arquivos indexados dentro da BVS, pesquisou-se na *PubMed* e *SciencDirect*.

A busca dos artigos científicos pautou-se na construção da estratégia PICO (SANTOS; GALVÃO, 2014), que se deu da seguinte forma: P – pessoas que tiveram ou têm estímulo da automedicação; I – análise dos documentos que versavam sobre as redes sociais e automedicação durante pandemia; C – pandemia COVID-19 e *fakenews*; O – efeitos da automedicação na COVID-19.

Os critérios de elegibilidade para os materiais coletados nas bases supracitadas foram: estudos completos, que dissertassem no título ou resumo sobre Automedicação, Rede Social, COVID-19 /SARS-CoV-2; publicados em português e inglês no período de 2019 a 2022. Para a exclusão foram considerados os critérios livros, dissertações, teses, editorial, panfletos e artigos duplicados e os que não respondiam à questão da pesquisa.

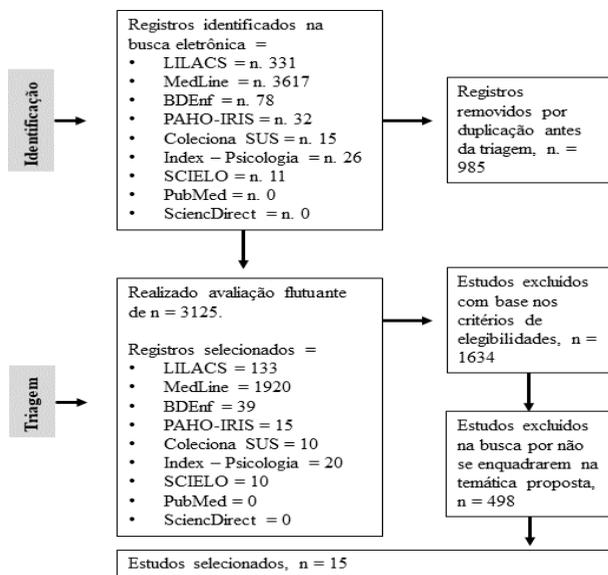
A busca e seleção dos estudos foram realizadas utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), subsidiados por operadores booleanos, onde foi possível tecer o cruzamento dos termos. Para realizar a busca, foram utilizadas combinações com os seguintes descritores “COVID-19”, “Automedicação”, “Rede Social” e “SARS-CoV-2”, associados por meio do operador booleano “AND”.

A literatura cinzenta foi usada como subsídio nas discussões, uma vez que o fenômeno discutido nessa revisão aponta para assuntos que carecem de maiores informações. A literatura cinzenta foi constituída de projetos, resumos de congresso e artigos científicos que não constavam nas bases de dados trabalhadas, bem como, fóruns de discussão online.

Para facilitar a visualização, bem como a compreensão das informações, os artigos foram organizados em um quadro com as principais informações sobre a temática abordada, considerando os seguintes dados: título do artigo, autor(es), objetivo, periódico, ano de publicação e principais achados, no intuito de expor as informações relevantes para os resultados e discussões.

Nesse aspecto, acerta-se que durante processo de busca e adotando os critérios de inclusão foram identificados na totalidade das bases de dados 4110 artigos. Esse número diz respeito ao uso de todos os descritores controlados que foram cruzados durante a pesquisa. De posse desse material, foi realizada uma análise flutuante que identificou 985 documentos duplicados, restando apenas 3125. Deste total, passou-se a análise do título do trabalho. Os títulos que se assemelhavam a proposta de pesquisa foram separados para a leitura do resumo. A partir disso, foi realizada uma nova exclusão dos documentos com base nos critérios de elegibilidade, restando 1634 artigos. Por fim, foram excluídos 498 artigos devido leitura criteriosa, que durou 32 dias, ter-se percebido que os mesmos não se coadunavam com a proposta a ser pesquisada. Pelo exposto, o *corpus* de pesquisa foi estruturado com 15 artigos teóricos, empíricos e experimentais. A Figura 1 e Tabela 1 sintetizam esse processo de busca.

Figura 1 - Síntese do processo de busca nas bases de dados selecionadas



Fonte: os autores.

O Quadro 1 apresentam os resultados, dos 15 trabalhos selecionados ao final da busca, com base no cruzamento de seleção dos estudos, apresentando autores, ano e título de pesquisa.

Quadro 1 - Artigos selecionados para o estudo

Autor(es)	Título
Okoye <i>et al.</i> (2022)	Self-medication practices and its determinants in health care professionals during the coronavirus disease-2019 pandemic: cross-sectional study.
Yasmim <i>et al.</i> (2022)	Self-medication practices in medical students during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional analysis.
Lacerda, Barbosa; Dourado (2022)	Acesso da população a medicamentos durante a pandemia do novo coronavírus.
Mattos <i>et al.</i> (2021)	Fake News em tempos de COVID-19 e seu tratamento jurídico no ordenamento brasileiro.
Barros-Sevillano <i>et al.</i> (2021)	Automedicación en tiempos de COVID-19. Una perspectiva desde Perú.
Gras <i>et al.</i> (2021)	Impact of the COVID-19 outbreak on the reporting of adverse drug reactions associated with self-medication.
Barreto <i>et al.</i> (2021)	Fake news sobre a pandemia da COVID-19: percepção de profissionais de saúde e seus familiares.
Arqom <i>et al.</i> (2021)	Anti-COVID-19. Medications, supplements, and mental health status in Indonesian mothers with school-age children.
Melo <i>et al.</i> (2021)	Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19.

Autor(es)	Título
Santos; Santos; Luz (2021)	A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos para combate ao COVID-19 por estudantes do curso de farmácia e profissionais de uma instituição de ensino superior privada.
Costa; Carvalho; Coelho (2021)	Abordagem da automedicação contra COVID-19 pelo Médico de Família e Comunidade.
Sadio <i>et al.</i> (2021)	Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo.
Deslandes; Coutinho (2020)	O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinfligidas.
Medeiros <i>et al.</i> (2020)	O uso do ciberespaço pela administração pública na pandemia da COVID-19: diagnósticos e vulnerabilidades.
Garcia Filho; Vieira; Silva (2020)	Buscas na internet sobre medidas de enfrentamento à COVID-19 no Brasil: descrição de pesquisas realizadas nos primeiros 100 dias de 2020.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados da revisão narrativa demonstraram que a automedicação durante pandemia de COVID-19 deuse não apenas pelos repasses informativos via Instagram e Whatsapp, mas também, pela comunicação direta, pessoal e pela televisão. Estudos relataram também um aumento da ansiedade e estresse relacionado às notícias veiculadas sobre o vírus, além da concepção de promessas terapêuticas.

Uma pesquisa realizada com 1.754 pessoas heterogêneas acerca do uso de medicamentos como propostas terapêuticas para COVID-19, identificou que 61% da população estudada fez uso terapêutico de automedicação como forma de prevenção viral (LACERDA; BARBOSA; DOURADO, 2022). Acredita-se que essa utilização esteja relacionada pelas informações divulgadas sobre o Kit-COVID.

Até mesmo dentro da área da saúde, a automedicação foi realizada, como apontado no estudo de Yasmin *et al.* (2022) que destacaram em suas pesquisas que médicos e farmacêuticos, se automedicaram durante pandemia de COVID-19. Essa automedicação estava relacionada ao medo de adoecimento e a reprodutibilidade da mídia com medicamentos capazes de minimizar os efeitos da doença.

Melo *et al.* (2021) deixou claro que a automedicação é um hábito no Brasil, sendo comum em aproximadamente 77% dos brasileiros, segundo os últimos dados do Conselho Federal de Farmácia (CFF), publicados em 2019. O CFF comparou ainda a comercialização de medicamentos anterior a pandemia com o ano de 2022. Perceberam o aumento exponencial das vendas de fármacos tanto livres como controlados, onde o número de unidades comercializadas cresceu de 82.667.898 (em 2019) para 112.797.268 (em 2022), ou seja, um crescimento de 36%. O pânico instalado pela pandemia do COVID-19 contribuiu negativamente para o aumento desse hábito, que foi intensificado pela *fake news* e infodemia sem responsabilidade

(SANTOS; SANTOS; LUZ, 2021).

Na Nigéria, profissionais da saúde também apresentaram a tendência de se automedicarem devido ao medo de se contaminarem com os pacientes que estavam atendendo. Estes profissionais fizeram uso de medicamentos como ivermectina, azitromicina, vitamina C, cloroquina e zinco (OKOYE *et al.*, 2022).

Mattos *et al.* (2021) observaram que de acordo com um levantamento realizado pela consultoria do Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico (IQVIA) em 2020, houve um aumento de 180% nas vendas de vitamina C. Fato ocorrido também com a hidroxicloroquina, que teve suas vendas aumentadas em cerca de 68% entre janeiro e março, depois de ser defendida como suposta cura para a COVID-19.

É importante lembrar à população que mesmo medicamentos isentos de prescrição, como é o caso da vitamina D, podem causar danos quando usados sem indicação e orientação profissional (SANTOS; SANTOS; LUZ, 2021). A automedicação não coloca apenas a saúde individual em risco, como é o caso nas reações adversas. Há também prejuízo coletivo, visto que as pessoas que se automedicam podem ter a falsa sensação de segurança contra a infecção causada pelo novo coronavírus, tendendo a desprezar o isolamento social e as orientações da OMS. Além disso, o uso indiscriminado de antibiótico, como é o caso da azitromicina, contribui para o desenvolvimento da resistência bacteriana, que também gera um problema coletivo (BARROS-SEVILLANO *et al.*, 2021).

Melo *et al.* (2021) e Filho, Vieira e Silva (2020) apontaram para infodemia, termo já abordado neste estudo, e que pode causar uma série de complicações de saúde. No discurso central da infodemia está a cloroquina e hidroxicloroquina. Esses medicamentos continuam sendo utilizados contra o coronavírus SARS-CoV-2, de forma experimental, em diversos sistemas de saúde, desde o início dos anos 2020, e continuam presentes em testes clínicos que se iniciam. Essa modalidade de uso, classificado nos sistemas regulatórios como uso compassivo, e que conta ainda com o reforço do discurso bioético (nos sistemas de ética em pesquisa), tem validade no Brasil e encontra acolhimento na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que concedeu registro das duas moléculas para uso contra COVID-19. Contudo, esse uso tem gerado ansiedade nas pessoas e controvérsias entre os cientistas, em meio à urgência de se encontrar tratamento para contenção da pandemia.

O uso experimental, não controlado, desses dois fármacos contra a COVID-19, pautou-se numa euforia histórica, uma vez que seu uso, depois de meses de testagem e experimentações, não teve efeitos significativos, e sem em evidências científicas (SADIO *et al.*, 2021).

Todos os estudos identificados para essa pesquisa apontaram para não utilização da automedicação, sendo de extrema necessidade reforçar a importância das notícias de

qualidade e das informações claras e corretas, bem apuradas, que são disseminadas para a sociedade atual, levando em conta principalmente a facilidade da disseminação dessas informações (MEDEIROS *et al.*, 2020), uma vez que se tem percebido que essa automedicalização tem forte relação com as *fake news*.

O reforço dessa assertiva supracitada pauta-se em estudos que demonstraram que pessoas evitaram procurar os serviços de saúde durante pandemia. O que ocasionou uma relativa e significativa piora do quadro de saúde psicológica e física dos indivíduos, onde estes, se automedicavam em casa devido receitas apreendidas em fóruns, vídeos do Instagram ou correntes de WhatsApp (DESLANDES; COUTINHO, 2020; ARQOM *et al.*, 2021; SANTOS; SANTOS; LUZ, 2021).

Os autores supracitados identificaram ainda que a pandemia de COVID-19 trouxe à tona uma série de sensações ansiogênicas para os adolescentes. Estes, trancados no lar, tiveram que vivenciar notícias que envolviam *fake news* passando a serem reprodutores de informações, mas também, filtradores de conteúdos ofensivos, principalmente, sobre o manejo dos sinais e sintomas da COVID-19. Essa observação é interessante porque faz refletir sobre o potencial do ciberespaço, que na medida que pode ser um disseminador de conteúdos errôneos, pode também auxiliar na educação em saúde.

Ainda no que diz respeito a *fake news*, Barreto *et al.* (2021) pontuaram que esse fenômeno ocorre devido aspectos socioculturais, políticos, educacionais e tecnológicos que influenciam a ocorrência e disseminação de notícias falsas, que trazem consequências como: desinformação, automedicação, piora na relação profissional-paciente, aumento da necessidade de pesquisas adicionais e medo na população. Para os autores, enfrentar a situação é necessário repensar o controle do Estado, com investigação e punição das pessoas que disseminam *fake news*, bem como maior conscientização da população sobre este tema.

Não o bastante ao que foi pontuado, evidenciou-se também que a automedicação proporcionou efeitos colaterais. Gras *et al.* (2021) analisaram 3114 reações adversas a medicamentos (RAM's) ligadas à automedicação e que foram notificadas à Farmacovigilância Francesa. As três classes mais frequentes com suspeitas de reações adversas foram analgésicas, psicoativos e antibacterianos para uso sistêmico. Isso denota a importância e necessidade de educação continuada em saúde acerca dos riscos da automedicação.

Há a necessidade de se criar informações relacionadas a medicamentos e seus malefícios, realizar a educação em saúde de base e capacitar continuamente farmacêuticos e balconistas, visto que são os principais dispensadores de medicamentos. Além disso, pontua-se a necessidade de valorização dos profissionais da saúde, principalmente os farmacêuticos que são o último elo entre a doença e o cuidado continuado desses pacientes, visto que deveriam ser

os responsáveis por conhecer e informar o uso adequado e correto das substâncias terapêuticas.

Analisando os dados encontrados pode-se inferir que o farmacêutico é o profissional da saúde que está mais acessível à população, e é o profissional que possui o conhecimento científico referente ao medicamento (modo de uso, interações, riscos, reações adversas, necessidade), sendo, portanto, o responsável por orientar a população em relação aos riscos que o uso indevido de medicamentos pode trazer. A participação do farmacêutico na orientação ao paciente também reduz gastos com a saúde pública, visto que reduz a taxa de internação hospitalar causada por reações adversas ao medicamento (SANTOS; SANTOS; LUZ, 2021). Numa situação de pandemia, a atenção farmacêutica deveria ser redobrada, entretanto, nas informações inerentes a esse estudo percebe-se que essa não é a realidade. E não apenas factível ao profissional farmacêutico, mas também a todo profissional da saúde que lidam com prescrição e dispensa de medicamentos, como enfermeiros, médicos, odontologistas, dentre outros.

Como reflexão autoral, destacou-se que o estudo suscitou reflexões profundas uma vez que, estimulou ampliar os conhecimentos na área, fortalecendo uma visão crítica sobre a temática. No entanto, espera-se, que essa pesquisa possa contribuir com outras novas pesquisas referentes a temática, principalmente estudos empíricos e experimentais, com um número de participantes significativos devidos estes, se configuraram como estudo de maior impacto na ciência e que fundamenta as práticas científicas baseadas em evidências.

3 Conclusão

A automedicação associada a infodemia e *fake news* indica que as redes sociais, no cenário da pandemia, foram um importante canal de comunicação, e um veículo de compartilhamento de informações falsas e nocivas à saúde pública.

O crescimento da automedicação está relacionado com a insegurança e pânico do adoecimento indicando ser um tema que merece atenção da comunidade científica e na esfera político-social. A mudança de comportamento e a quebra de paradigmas só podem ser transformados mediante educação e conhecimentos seguros.

Referências

- ARQOM *et al.* Anti-COVID-19. Medications, supplements, and mental health status in Indonesian mothers with school-age children. *Int. J. Women's Health*, v.13, n.10, p.699-709, 2021.
- BATISTA, E.L. *Grupo de médicos defende tratamento sem eficácia comprovada contra Covid-19 em jornais*. Folha de São Paulo, 2021.
- BARRETO, M.S *et al.* Fake news about the COVID-19 pandemic: perception of health professionals and their families. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v.55, n.11, p.1-9, 2021.
- BRASIL. Ministério Da Saúde. Orientações do Ministério da Saúde para manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da COVID-19. Brasília: MS, 2021.
- COSTA, W.A.; CARVALHO, N.C.; COELHO, P.A.B. Abordagem da automedicação contra COVID-19 pelo Médico de Família e Comunidade. *Rev Bras. Med. Fam. Com.*, v.16, n.43, p.288-299, 2021.
- DESLANDES, S.F; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinfligidas. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v.25, n.1, p.2479-2486, 2020.
- FERRARI, F. COVID-19: dados atualizados e sua relação com o sistema cardiovascular. *Arq. Bras. Cardiol.*, v.114, n.5, p.823-826, 2020.
- G1, Globo. Coronavírus: vendas de medicamentos aumentam durante a pandemia, e farmacêuticos alertam sobre o risco da automedicação. G1 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/04/coro-navirus-vendas-de-medicamentos-aumen-tam-durante-a-pandemia-campanha-alerta-sobre-o-risco-da-automedicacao.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2022.
- ISTO, C.C. Digital influence on drugs: how do they appear on the social network? *Int. Scie. J.*, v.14, n.2, 2019.
- LACERDA, M.G.C.; BARBOSA, A.R.M.; DOURADO, C.S.M.E. Acesso da população a medicamentos durante a pandemia do novo coronavírus. *Rev Ciênc. Plural*, v.8, n.1, p.1-13, 2022.
- MALIK, M. *et al.* Self-medication during Covid-19 pandemic: challenges and opportunities. *Drugs Ther Perspect*, v.36, n.10, p.565-567, 2020.
- MAPELLI JÚNIOR, R. A prescrição de medicamentos off label no tratamento da doença Covid-19: a cloroquina, a hidroxicloroquina e outras substâncias e a responsabilidade de gestores e médicos. Tribunal de Justiça de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.tjsp.jus.br/download/EPM/Publicacoes/ObrasJuridicas/110-dc.pdf?d=637581604679873754>. Acesso em: 12 set. 2022.
- MATTOS, A.M. *et al.* Fake News em tempos de COVID-19 e seu tratamento jurídico no ordenamento brasileiro. *Esc. Anna Nery*, v.25, n.18, p.1-6, 2021.
- MATOSO, L.M.L; SILVA, A.A.B; SILVA, F.A. R(existindo) ao caos: a experiencia de residentes no combate ao COVID-19 na atenção básica. *C&D-Rev Eletr. FAINOR*, v.13, n.3, p.764-779, 2020.
- MELO, J.R.R. *et al.* Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cad. Saúde Pública*, v.37, n.4, p.30-41, 2021.
- MERGULHÃO, A; CASTRO, R. Aplicativo de Pazuello sugere “tratamento precoce” com cloroquina para sintomas de Covid-19. Época 2021. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/aplica-tivo-de-pazuello-sugere-tratamento-preco-ce-com-cloroquina-para-sintomas-de-covid-19-1-24847108>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- MUNIZ, K.S.; OLIVEIRA, M.S.; SILVA, D.R. Automedicação e atenção farmacêutica: O papel do farmacêutico na atenção primária a saúde do idoso. In: CONGRESSO NACIONAL DO CONHECIMENTO, 2016.
- OLIVEIRA, W.K. *et al.* Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, v.29, n.2, p.200-214, 2020.
- OPAS-Organização Pan-Americana da Saúde. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. Disponível em: https://iris.paho.org/bits/tream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Info-demic_por.pdf. Acesso em: 19 set. 2022.
- OKOYE, O.C. *et al.* Self-medication practices and its determinants

- in health care professionals during the coronavirus disease-2019 pandemic: cross-sectional study. *Int. J. Clin. Pharm.*, v.44, n.5, p.507-516, 2022.
- QUISPE-CAÑARI, J.F. *et al.* Self-medication practices during the COVID-19 pandemic among the adult population in Peru: a cross-sectional survey. *Saudi Pharm. J.*, v.29, n.8, p.1-11, 2021.
- REIS, F. *Merck diz que não há eficácia da Ivermectina contra COVID-19*. Pfarma.com.br 2021; 6 fev. Disponível em: <https://pfarma.com.br/coronavirus/6213-merck-msd-ivermectina-covid19.html>. Acesso em: 9 set. 2022.
- SADIO, A. J. *et al.* Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. *BMC Public Health*, v.101, n.45, p.21-28, 2021.
- SANTOS, M.A.R.C; GALVÃO, M.G.A. A elaboração da pergunta adequada de pesquisa. *Resid. Pediátr.*, v.4, n.2, p.53-56, 2014.
- SANTOS, S.L.F. *et al.* Automedicação em gestantes de alto risco: foco em atenção farmacêutica. *Rev. Med. UFC*, v. 58, n. 3, p.36-43, 2018.
- SANTOS, K K.A.; SANTOS, T.A.; LUZ, D.A. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos para combate ao COVID-19 por estudantes do curso de farmácia e profissionais de uma instituição de ensino superior privada. *Res. Soc. Develop.*, v.10, n.7, p.1-7, 2021.
- SCARAMUZZO, M. Venda de remédios do ‘kit covid’ movimentou R\$ 500 mi em 2020. *Valor Econômico* 2021.
- VERGARA, S.C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2016.
- YASMIN, F. *et al.* Self-medication practices in medical students during the covid-19 pandemic: a cross-sectional analysis. *Public Health*, v.10, n.8, p.1-8, 2022.
- WHO - World Health Organization. *The Role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist*, The Hague, The Netherlands, 26-28 August 1998. Geneva: WHO, 998.